

JAZZ

17 DEZEMBRO 2016

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

João Barradas Trio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturigest



Sáb 17 de dezembro
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h · M6

Acordeão João Barradas
Contrabaixo André Rosinha
Bateria João Pereira

Acordeão absoluto

Se apenas ficássemos pelas aparências, o presente concerto na Culturgest do João Barradas Trio parecer-nos-ia uma depuração da música contida no recentemente editado álbum *Directions*, em que o jovem acordeonista se faz acompanhar por André Fernandes, João Paulo Esteves da Silva e os mesmos André Rosinha e Bruno Pedroso que com ele agora vão subir ao palco, mais o convidado especial Greg Osby. Ou seja, algo de distinto, e muito provavelmente renunciando o disco em solo absoluto que está prometido para o próximo ano. A verdade é, porém, que Barradas não está propriamente a fechar o crivo da sua música, tirando elementos ao

orquestralismo do CD com que se estreou em nome próprio. À frente de um pequeno grupo ou a sós, essa dimensão continua a estar presente. Daí, aliás, que utilize um acordeão MIDI, possibilitando-lhe este tocar qualquer timbre que lhe apeteça. Um de que gosta é o do piano elétrico Fender Rhodes.

Ele próprio o afirma: «O trio foi a minha primeira formação enquanto líder, projeto esse que começou no final de 2012. Para ser preciso, a música do *Directions* nasceu de uma escrita direcionada para a secção rítmica, assim se estabelecendo um formato em que o acordeão é o instrumento líder. A música deste meu primeiro álbum é uma espécie de “orquestração” desse trio. Quando retiramos a guitarra e o piano é como se tivéssemos acesso a uma redução pensada dessa mesma música. No meu primeiro disco a solo haverá igualmente uma redução, mas não tão centrada em mim como se poderia pensar: vai contar com composições de Nuno da Rocha, Carlos Azevedo, Hugo Ribeiro, Daniel Davis, Carlos Caires e André Santos, e terei como convidados Sérgio Carolino na tuba e Pedro Carneiro na marimba.»

Apenas com 24 anos de idade e já considerado um dos mais importantes acordeonistas do mundo, João Barradas considera que a sua música tem atualmente duas faces: a do projeto *Directions*, que inclui esta apresentação em trio, tendo como base a improvisação num enquadramento de *bop* / *hard bop*, e a música da sua banda Home, aquela que venceu o Prémio Jovens Músicos 2016 e que gravará já em

Janeiro. «Esta é mais orquestrada que o próprio *Directions* e tem influências do minimalismo, do rock e de compositores de música sinfónica», antecipa.

Porque o núcleo duro de *Directions* é o trio que vamos ouvir, implícito está que Barradas dá às escolhas de Rosinha e Pedroso para o acompanharem uma importância especial: «Convidei-os a eles por dois fatores. O primeiro é musical. Desenvolvi as minhas ideias de composição e de improvisação e até as minhas ideias estéticas em sessões nas quais ambos participaram, e tanto eles como eu enquanto *sidemen*. São os parceiros ideais, pois acreditam na direção musical em que me movo e posso discutir com eles as propostas que defendo. O outro motivo é pessoal. Se não é necessário haver empatia e amizade entre os músicos, quando existem o trabalho necessário à criação musical torna-se muito mais fácil.»

E que direção musical é essa, sabendo-se que o acordeão não é propriamente um instrumento jazzístico e que, quando surge no jazz, traz consigo referências diretas a Astor Piazzolla ou ao *bal musette*, não tendo a música de João Barradas conotações assim tão óbvias? A resposta evita o que já se vai dizendo por todo o lado, designadamente que este português está a contribuir decisivamente para uma (re)invenção do acordeão de jazz: «Fico surpreendido quando colegas acordeonistas e outros músicos de jazz referem que toco de maneira “diferente” e que até fujo aos “maneirismos” do instrumento. Na minha cabeça divido o extremo respeito por todas essas refe-

rências do acordeão (Astor Piazzolla, Eugénia Lima, Tommy Gumina, Richard Galliano) com o meu imaginário musical (Wayne Shorter, Steve Coleman, George Gershwin, Herbie Hancock, Charles Ives, Ambrose Akinmusire, Lester Young). Penso que é a adição desses dois mundos que leva a essa dita “diferença”.»

O curioso é que Barradas não tem trabalhado apenas na área do jazz. À semelhança de Carolino com a tuba e de Carneiro com a marimba, move-se igualmente nos domínios da música erudita. «Ainda não consigo explicar esta dualidade, nem saber se o jazz e a clássica chegam a encontrar-se de forma mais literal no que faço. Acontece que essas duas famílias musicais são as minhas duas paixões e vão de encontro ao perfil de músico em que me revejo. Passo muito do meu tempo a transcrever solos, por exemplo de Branford Marsalis, Kenny Kirkland, Woody Shaw e Sonny Stitt. Ao mesmo tempo, termino muitos dos meus dias a olhar para partituras de compositores díspares como Michel Van der Aa e Claude Debussy. Apesar de não estar em condições de responder como se de uma certeza absoluta se tratasse, estou a ficar consciente de que essas influências se juntam pelo menos nas minhas composições», admite. Isso está, aliás, patente em *Directions*, os elementos eruditos integrando-se numa linguagem jazzística que vai do *bop* original à filosofia M-Base dos já mencionados Steve Coleman e Greg Osby, pelo caminho integrando alguns elementos de *world music*.

De certa forma, há por aqui o visionarismo decorrente da idade deste músico e da sua condição de “menino-prodígio” do jazz, alguém que, a par de Ricardo Toscano, vem denotando capacidades muito acima do vulgar. “Visionarismo” no sentido de que tem uma visão muito própria da música e de que a persegue com entusiasmo e ingenuidade. «Há menos de uma semana fiz uma viagem de carro com o Ricardo e acho que as coisas se tornaram mais claras para mim com a nossa conversa. A nossa geração é a primeira a crescer com a Internet, com uma oferta cultural vasta e diversificada em Lisboa, com um sistema de ensino preparado para nos receber e com oportunidades para a malta da nossa idade se revelar neste país. De certa forma, sinto que sou um “produto” da cena musical e social que temos em Portugal neste momento. Desde muito novo tive a oportunidade de partilhar o palco com músicos e estéticas muito diferentes. Aconteceu este ano, por exemplo, estar um dia no Palco EDP do Rock in Rio, no mês a seguir ir para Nova Iorque a fim de tocar com Rufus Reid, voltar para ser convidado por Tito Paris e, em outra semana, apresentar o *Directions* com Greg Osby», afirma.

Em Barradas há mais do que uma superlativa vocação musical – há ainda o facto de dispor de ouvido absoluto, particularidade que se traduz inevitavelmente na música: «Só podia, pois é a única maneira que tenho de perceber os sons. As pessoas com ouvido absoluto criam diferentes formas de perceber a harmonia e juntam diferentes discursos improvisados a essa grelha harmó-

nica. Do ponto de vista pessoal é algo que está completamente presente na maneira como improviso e no meu discurso musical.» Foi, de resto, essa condição física que o levou para a música. «O acordeão tornou-se na forma mais imediata para a minha expressão. Toco desde os 5 anos e improviso desde que me lembro. Desde os meus 19 sinto que posso transportar o que penso, oiço e escrevo para o acordeão», explica.

Foi com Sérgio Carolino, outro extraordinário músico português, que João Barradas gravou o primeiro disco em que podemos ouvi-lo, *Surrealistic Discussion*. É a sua grande referência: «Encontro nele um dos exemplos máximos do que significa ser um instrumentista de topo. Tem toda a mística de um instrumento “não-mainstream”, aliada a um pensamento musical que surge do seu interesse por várias áreas da música e da cultura. Com ele, a tuba torna-se o “sotaque” de um discurso extremamente pessoal. É esse o caminho que eu quero para mim. Ter as possibilidades do acordeão a favor da minha identidade musical.» Quem introduziu o jovem no acordeão jazz foi, no entanto, João Frade, que para ele funcionou como uma espécie de antiprofessor. «O João motivou-me a pensar “fora da caixa”. Não tive aulas com ele no sentido “académico”... Temos uma diferença de 10 anos e ele aconselhava-me ou dava-me CDs para ouvir, frases que transcrevia e ideias para improvisação. Na verdade, faz parte de três acordeonistas que me marcaram muito, sendo os outros Nelson Conceição e Pedro Santos. O meu primeiro professor

de acordeão no jazz foi a pianista Paula Sousa, quando eu tinha 15 anos. Agarrei em todas as informações que eles me deram e juntei-as ao que ouvia e ao que tocava, que muitas das vezes não era da mesma estética que me tinham proposto», recorda.

Aparentemente, no circuito do jazz já não se vislumbra o preconceito relativamente ao acordeão que era de regra ainda não há muitos anos: «Vivo um período muito feliz nesse aspeto. Sinto uma enorme curiosidade pelo instrumento e pelas possíveis abordagens do mesmo na música urbana dos nossos dias. Quero acreditar que a personalidade musical, apesar de passar sempre pelo instrumento que a expressa, se sobrepõe a qualquer espécie de “preconceito”, seja ele qual for.» O seu acordeão MIDI tem, inclusive, intrigado o público: «Surge da vontade de querer explorar novos sons, sons que não são possíveis de realizar com um instrumento acústico de qualquer tipo.»

Barradas vai tocar na mesma sala em que, há uns anos, se apresentou o acordeonista francês Pascal Contet, em duo com Carlos “Zingaro”, e que atua habitualmente nos domínios da improvisação livre, da música contemporânea e do experimentalismo. É um músico que conhece bem e que admira... «Ele mudou o rumo do nosso instrumento. Tenho uma história muito curiosa com o Contet. Veio a Lisboa passar férias e alguém lhe disse que estava um acordeonista da nova cena do jazz nacional a tocar em trio no CCB. No fim do concerto dirigiu-se ao meu camarim e tive a honra de conhecer pes-

soalmente este grande nome e receber palavras de apreço e de força que me deixaram ainda com mais vontade de fazer a minha música. Continuamos em contacto.»

Respeito dedica também João Barradas aos acordeonistas Gil Goldstein, Manu Comté, Claudio Jacomucci, Inaki Alberdi e Mika Vayrynen, mas as suas maiores influências no jazz vêm de outros instrumentistas, e para além dos aqui já referidos acrescenta nomes como Kurt Rosenwinkel, Andrew Hill e Buster Williams: «Sou um ouvinte compulsivo de todos eles. Raramente oiço acordeonistas de jazz, aliás.»

O que se segue? «Na primeira semana de Janeiro o trio segue para o Festival de Jazz de Munster, na Alemanha. Na semana seguinte começam os concertos com o meu novo grupo, Home, com música minha. A composição ganhará maior importância neste projeto, assim como a exploração de novos caminhos na improvisação, pelo menos para mim.» Cá estaremos para ouvir este acordeão “absoluto” e orelhudo, que muito promete...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

João Barradas

acordeão

Natural de Samora Correia, Porto Alto, João Barradas ganhou por duas vezes o troféu de Campeão do Mundo em concursos de acordeão. Concluiu o curso do Conservatório Nacional com a nota máxima, 20 valores, e teve depois oportunidade de estudar, em Paris, com o prestigiado professor Frédéric Deschamps. Na área do jazz, tocou já com músicos como Greg Osby, Gil Goldstein, João Paulo Esteves da Silva, Sérgio Carolino, Afonso Pais e Jacob Sacks, entre outros.

André Rosinha

contrabaixo

Nascido em Sintra, e com formação em contrabaixo realizada na Escola Superior de Música de Lisboa e na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal, André Rosinha teve ainda como mestres, em *workshops* vários, nomes como Dave Holland, Matt Penmann, Aaron Goldberg, Reuben Rogers, Matt Renzi, Danilo Perez e Jon Irabagon. Mário Laginha, Théo Ceccaldi, Christophe Marguet, Roberto Negro, Júlio Resende e André Fernandes são alguns dos músicos com quem já tocou.

João Pereira

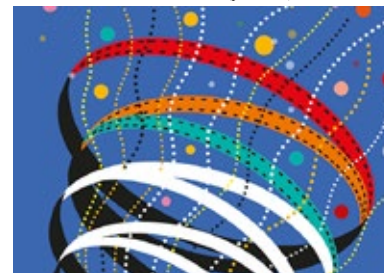
bateria

Lisboeta de nascimento e com dupla formação em música clássica e jazz na Escola Superior de Música de Lisboa, na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e no Conservatoire Superieur de Musique et Danse de Paris, João Lopes Pereira teve entre os seus mestres Adam Cruz, Ben Street, Jorge Rossy, Peter Bernstein e Jimmy Wormworth. Tocou já nos grupos M. Hulot Quintet, Filipe Melo Trio, Sara Serpa & Fragmentz, André Matos Lagarto e André Santos Quarteto, entre outros.

Próximo evento

CINANIMA

Cinema Dom 18 de dezembro
Grande Auditório · 17h · M12



Cartaz do festival (pormenor) © João Machado

À semelhança do que vem acontecendo desde há anos, a Culturgest tem o prazer de se associar ao CINANIMA projetando uma seleção de filmes premiados, feita pela organização do Festival.

Próximo espetáculo de música

Afonso Pais e Rita Maria

Ciclo “Jazz +351”
Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 27 de janeiro
Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



© Mário Cruz

Da junção de dois dos melhores artistas do jazz nacional, vem surgindo algo de particularmente notável, onde se adotam várias tradições combinadas com um toque de “heresia”.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt